



## POSITIVIDADE CORPORAL: O CABELO NEGRO NO CURTA *HAIR LOVE* (2019)

### *BODY POSITIVITY: THE BLACK HAIR ON THE SHORT MOVIE HAIR LOVE (2019)*

Carlos E. A. Placido<sup>1</sup>

Rebeca Mendes Pereira

**RESUMO** – O curta-metragem *Hair Love* (2019) é uma animação estadunidense criada e primeiramente divulgada em 2019. Ele foi escrito e dirigido por Matthew A. Cherry em coautoria com Everett Downing Jr. e Bruce W. Smith. A sua realização ocorreu graças a uma campanha massiva promovida pelo portal cibercultural Kickstarter em 2017. Sua trama gira em torno das relações emocionais de um pai e sua filha. De início, a menina Zuri, aos seus apenas sete anos de idade, tenta com grandes dificuldades pentear o seu cabelo afro. Para concluir tal ato, Zuri assiste a um vídeo explicativo composto por sua mãe. Quando as dificuldades são intensificadas, ela solicita ajuda direta de seu pai. O sucesso de *Hair Love* (2019) foi tão grande que, logo em seguida, ele foi adaptado para uma história infanto-juvenil em formato de *e-book*. Dentre as várias críticas positivas e os vários prêmios recebidos, este curta-metragem recebeu o 92º Oscar na categoria de Melhor Curta-Metragem de Animação. Um dos principais temas apresentados nele é a positividade corporal (HALLIWELL, 2013; FERREIRA, 2014; SANTOS, 2015; TYLKA, 2015) de uma família afro-americana. A

efetiva positividade corporal deve superar vários tipos de violências tais como o bullying, o racismo e o sexismo (FERREIRA, 2014) para a sua real instanciação. Dessa forma, os objetivos dessa pesquisa acadêmica foram de desvelar as diferentes camadas de violência que moldam a narrativa de *Hair Love* (2019) e de identificar como o cineasta Cherry consegue representar positivamente o cabelo afro. Por meio da análise da narrativa cinematográfica (FÜRSICH, 2010; SMELIK, 2016), conseguimos verificar a transformação do penteado afro em uma arma de empoderamento identitário e de posicionamento político. Como resultado, esta pesquisa vem podendo auxiliar os cinéfilos de *Hair Love* (2019) a compreender mais profundamente o processo de aceitação de uma criança negra de seu cabelo natural e a investigar mais atentamente os diversos rompimentos acerca das articulações sócio-histórico-culturais da branquitude.

**PALAVRAS-CHAVE** - *Hair love* (2019); Positividade corporal; Narrativa cinematográfica.



**ABSTRACT** - The short film *Hair Love* (2019) is an American animated film created and first released in 2019. It was written and directed by Matthew A. Cherry in coauthorship with Everett Downing Jr. and Bruce W. Smith. It came about thanks to a massive campaign promoted by the cyberculture portal Kickstarter in 2017. Its plot revolves around the emotional relationships of a father and his daughter. At first, the girl Zuri, at the age of seven, tries with great difficulty to comb her afro hair. To complete such an act, Zuri watches an explanatory video composed by her mother. When the difficulties are intensified, she asks her father for direct help. The success of *Hair Love* (2019) was so great that soon after, it was adapted into a children's story in e-book format. Among the many positive reviews and several awards received, this short film received the 92nd Academy Award in the category of Best Animated Short Film. One of the main themes presented in it is the body positivity (HALLIWELL, 2013; FERREIRA, 2014; SANTOS, 2015; TYLKA, 2015) of an

### **Introdução**

Através de uma campanha no *kickstarter*, considerado o maior site de financiamento coletivo do mundo (POZZEBOM, 2015), Matthew A. Cherry se lançou nas animações após notar a viralização, ou seja, vídeos de grande repercussão na internet, acerca dos pais negros arrumando o cabelo de seus filhos no ano de 2016. Com essa ideia em mente, Cherry desenvolveu o curta-metragem de animação **Hair Love** (2019), que narra a comovente história de Zuri, uma garotinha afro-americana que tenta lidar sozinha com seu cabelo crespo, porém, ao

African American family. Effective body positivity must overcome various types of violence such as bullying, racism, and sexism (FERREIRA, 2014) for its actual instantiation. Thus, the goals of this academic research were to unveil the different layers of violence that shape the narrative of *Hair Love* (2019) and to identify how filmmaker Cherry succeeds in positively representing Afro hair. Cherry manages to positively represent afro hair. Through the analysis of cinematic narrative (FÜRSICH, 2010; SMELIK, 2016), we have been able to verify the transformation of afro hairstyle into a weapon of identity empowerment and political positioning. As a result, this research has been able to assist *Hair Love* (2019) moviegoers to understand the process of a black child's acceptance of her natural hair more deeply and to more closely investigate the various disruptions about the socio-historical-cultural articulations of whiteness.

**KEYWORDS** - Hair love (2019); Body positive; Cinematic narrative.

perceber que precisará de ajuda, ela acaba por recorrer à ajuda limitada de seu carinhoso pai.

Essa animação, além de bem executada, impulsiona o debate sobre o movimento *Body Positivity* (positividade corporal, em língua inglesa), e toda a luta que acarreta a busca pela idealização dos padrões supostamente perfeitos aceitos pela sociedade eurocêntrica, heteronormativa e patriarcal. Essa busca por um corpo que se enquadre nos padrões tidos como “medidas perfeitas” da sociedade ajuda a movimentar a indústria da beleza, que acaba por afetar negativamente a autoestima de muitas das mulheres que ficam à margem dos



padrões impostos, com a disseminação de uma aparência corporal que não é plural e diversificada.

Em artigo científico “Feminilidade, imagem corporal e mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres” (2020), a pesquisadora Camila Cristina Saraiva Castello, tenta demonstrar os efeitos extremamente negativos gerados pela maneira como os estereótipos de gênero difundidos pela mídia, enquanto produtora e divulgadora de conhecimento, afeta a construção das identidades das mulheres. Como resultado, Castello (2020) expõe a divulgação contínua do conceito de padrão, que se refere quase e unicamente a uma mulher branca, jovem, magra e com os cabelos lisos. Tal estereótipo padronizado acaba por contribuir prejudicialmente para a compreensão de uma sociedade totalmente desigual e avesso a qualquer possível pluralidade identitária.

Com a criação desse cenário, as mulheres se tornam o público mais afetado, tendo a criação de problemas físicos e mentais, que induzem à bulimia, aos traumas, entre outros impasses. Isso tudo inclui, além das mudanças físicas, as mudanças capilares, pois o padrão seguido e imposto pela branquitude, dita que o cabelo ideal é o liso, enquanto estereotipa o cabelo afro como o sinônimo de “bagunça”, “sujeira” e “ruim”. Dessa forma, o objetivo principal deste artigo é dialogar sobre positividade corporal e como ela é apresentada no curta-metragem *Hair Love* (2019), identificando por meio da análise da narrativa cinematográfica o processo de aceitação do cabelo natural, bem como seu

uso no processo identitário como também do empoderamento político.

### **A ideia da “Fabricação do corpo”**

A ideia de “Fabricação do corpo” exposta no artigo *Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: O corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe* (2009), de Valéria Brandini, diz a respeito da contemporaneidade, que com todas as novas tecnologias desenvolvidas, acaba por fabricar indivíduos. Cirurgias plásticas, químicas e farmacologia para emagrecer, silicones para aumentar os seios, o uso de metais, platina e cobre para moldar e segurar a face entre demais meios. A autora afirma que desde os primórdios da existência humana, o corpo foi fabricado pela cultura (BRANDINI, 2009), e que os padrões estéticos adotados pela cultura sempre dizem a respeito da cosmologia de um determinado período sócio-histórico. Desse modo, seguir na linha contrária à proposta acaba por se tornar um desafio, entretanto, de contramão ao processo de padronização do corpo feminino, o movimento *Body Positive*, criado no início dos anos 90 nos Estados Unidos surgiu, entretanto, suas raízes vêm desde a década de 1960, com os movimentos voltados puramente para o estigma do corpo gordo.

De acordo com os estudos realizados por Souza (2019), o movimento pode ter iniciado no *Fat liberation movement* (movimento da libertação do gordo), também conhecido como *Fat acceptance movement* (movimento de aceitação do gordo, em língua inglesa), trazendo à tona a biopolítica e a



discriminação contra os corpos gordos. O movimento sociocultural *Body Positive*, que no Brasil se popularizou como “Positividade corporal”, apoia e defende a aceitação das diferentes composições do corpo humano, incluindo os corpos invisibilizados pela sociedade contemporânea como, por exemplo, o corpo gordo e o corpo negro. Por conseguinte, esse movimento promove a autorreflexão e a aquisição de uma consciência acerca de seu corpo de uma maneira mais segura, sendo mais afirmativa em relação as suas escolhas físicas, o que faz com que o movimento começasse a incentivar o bem-estar físico das pessoas.

Em 2012 o movimento *Body Positive* se popularizou e expandiu, e o objetivo inicial, que era a aceitação do corpo gordo começou a mudar sua fala para “todos os tipos de corpos são bonitos” (NECHAR 2020, p.184), voltando o movimento não apenas para se designar aos tipos de corpos existentes, como também a todo tipo de pessoa, seja magra, gorda, branca, parda ou negra, o discurso do movimento *Body Positive* se estende para todos os corpos e pessoas existentes, incluindo também as questões relacionadas ao cabelo.

### **As configurações do cabelo através das culturas**

Definida como a “moldura do rosto” (KING, 2015, p. 8), os cabelos passam informações que dizem a respeito da pessoa, como sua origem, hábitos e grupos sociais, podendo aproximar ou afastar indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Sua importância atravessa momentos históricos, sendo construída e retratada através dos séculos por muitas culturas,

empregada também em mitos, histórias, religiões e demais superstições.

Na Bíblia, por exemplo, temos a passagem de 1º Coríntios 11:15, onde os cabelos das mulheres são comparados a um véu: “mas para uma mulher, se seus cabelos são abundantes, é uma glória porque lhe é dado o cabelo para cobertura, como um véu.” Ainda na bíblia, temos também a história de Sansão, onde seu cabelo é a base primordial de sua força, o que denota novamente a importância dos fios. Os cabelos também se fazem relevantes em outras religiões como na Sikhismo, religião monoteísta fundada no final do século XV no Punjab, por Guru Nanak, onde os cabelos são mantidos sem cortes, pois simbolizam a força e santidade.

No Egito antigo, havia tradições que envolviam os fios, e o próprio Faraó costumava usar uma peruca como símbolo do seu status e poder, assim como na Grécia antiga, onde os fiéis ofereciam seus cabelos aos deuses gregos em troca de promessas. A importância dos fios também é exposta nos contos infantis, como retratado na história de Rapunzel.

Na cultura Himba, etnia da África Austral, dos povos Banto, localizados na região da Namíbia e Angola, as mulheres costumam usar uma espécie de peruca ao passarem pelo rito da puberdade (NADIA, 2015). No mito grego da personagem Medusa, uma bela sacerdotisa da deusa Atenas que despertou os interesses do deus Poseidon, sendo violentada pelo deus do mar no templo, onde todas as sacerdotisas deveriam se manter puras e virgens. Tal violação acarretou uma punição de Atenas, que amaldiçoou a sacerdotisa fazendo com que se



transformasse em monstro temido e seus outrora, lindos cabelos, assumissem a forma de cobras que ao olhadas por qualquer pessoa, a transformaram em pedras.

A cabeça de Medusa se torna uma poderosa arma que demonstra a dualidade do corpo feminino e constrói todo o imaginário em torno dos cabelos, pois mesmo privada de sua beleza, a personagem continua forte e cheia de poder (SOUZA, 2009). Todos esses mitos, histórias e religiões que estabelecem os cabelos como “itens” valorizados de todas as formas possíveis, acabam sendo o reflexo de feminilidade e beleza da mulher.

Outros mitos que auxiliam na demonstração dos fios como símbolo seja de força, poder ou beleza feminina, é o conto das sereias, que costumam ser descritas com corpo de peixe e tronco de mulher, geralmente encontradas sobre rochas, às margens de lagos e mares, penteando seus lindos cabelos longos e cantando (SOUSA, 2009). Esse mito também é conhecido no Brasil, com a lenda Tupi da mãe d'água doce, Iara, que canta enquanto penteia seus longos fios. Desse modo, é possível notar que mais do que relacionados às questões femininas, os cabelos são fortemente ligados a instrumentos de transmissão de história e significados, imprimem costumes, crenças e até mesmo ideologias (SANTOS, 2015), sendo usado também como arma de empoderamento e libertação, como visto no movimento *Black Power*.

### **Opressões e repressões do cabelo negro**

O cabelo negro vem sendo criticado e repudiado por séculos. De acordo com Morrow (1973), os europeus conheciam os africanos

há séculos. Desta forma, eles também já conheciam as variadas complexidades e diferentes significados relacionados à esta estrutura capilar. Antes do processo colonizador, a maioria dos povos da Europa consideravam os diversos penteados do continente africano belos e impressionantes. Depois do processo colonizador, esses mesmos povos começaram a classificar tais cabelos e penteados como exóticos e sujos. Ainda segundo Morrow (1973), tal mudança de paradigma se deu para que os europeus pudessem justificar atos desumanos como, por exemplo, o apartheid e a escravidão.

A primeira atitude para oprimir e reprimir o cabelo negro ocorreu por intermédio de seu esfacelamento, ou seja, através da sua exclusão. Sendo assim, para Webb (2004), os primeiros europeus a caçar, capturar e vender homens e mulheres negras raspavam as suas cabeças. Ainda para Webb (2004), a raspagem capilar do negro tinha o intuito primordial de quebrar o espírito africano. Em outras palavras, os europeus necessitavam animalizar os africanos para que eles pudessem justificar frente à igreja e à sociedade tamanha violência. Consequentemente, eles os podiam negociar mais facilmente nas Américas. O domínio branco sobre o cabelo negro não foi simplesmente um ato aleatório, mas sim uma remoção claramente simbólica da cultura africana.

A raspagem capilar do negro africano tinha, portanto, o objetivo de apagar traços identitários e enfeia-los. De acordo com Robinson (2006), o conceito de beleza está também intrinsecamente relacionado com a aquisição de poder. Para os europeus colonizadores, a beleza do cabelo se encontrava naqueles



que estavam em posição de comando e riqueza. Sob esse viés, o cabelo bonito seria aquele que apresentasse características ligadas aos cabelos dos brancos. O cabelo bonito seria brilhante, flexível, longo, liso, sedoso, salitante e saudável. Em contraponto, cabelo feio seria áspero, duro, curto, emaranhado, fosco, inflexível, lanoso e quebradiço. Ao enfiar o cabelo negro africano, o europeu dava mais um passo em direção ao apagamento identitário desse grupo oprimido. Por conseguinte, um povo escravizado sem identificação era bem mais atraente para um fazendeiro estadunidense, pois ele aceitaria mais rapidamente a sua condição de máquina humana.

Entretanto, tal “enfiamento” deveria ser um processo constante e contínuo. Segundo Robinson (2006), os europeus intencionalmente dificultavam o acesso dos negros africanos aos produtos de higiene pessoal. Desta forma, eles não tinham a chance de ter contato com pentes, óleos e receitas para tratar propriamente seus respectivos cabelos nativos. Consequentemente, tanto a higiene quanto a saúde dos negros africanos ficavam perigosamente comprometidas. Tudo isso era intensificado pela forma de habitação e transporte que a maioria dos escravizados deveriam enfrentar para chegar às Américas: o cativo e o navio negreiro.

Tanto o cativo quanto o navio negreiro acabavam por piorar ainda mais o acesso das pessoas negras africanas. Conforme Morrow (1973), historicamente falando, os europeus afirmavam recorrentemente que essas pessoas eram sujas, pois os seus cabelos eram todos emaranhados. Não era só uma questão de se lavar, mas também de se pentear. Ainda conforme Morrow (1973), tal afirmação não

apresentava embasamento nem factual nem substancial. Os negros africanos tinham cabelos emaranhados por questões sociais, falta de acesso à higiene pessoal, e biológica. A “espiralidade” afro se refere diretamente à natureza única do cabelo preto.

Biologicamente falando, o cabelo negro se espirala naturalmente para cima (Morrow, 1973). Por conseguinte, tal “espiralidade” acaba por formatar cabelos bem mais densos e densamente enrolados. O problema real, segundo Robinson (2006), não é biológico, mas sim social e está relacionado ao preconceito racial construído por décadas de colonização europeia desenfreada. Ao invés dos europeus reconhecerem a singularidade do cabelo preto, eles simplesmente ojerizaram tais características por elas pertencerem ao outro, mas não a qualquer outro, mas sim ao outro desumanizado, inferiorizado e invisibilizado. Infelizmente, tão percepção do outro (crianças, homens e mulheres negras) como um sujeito subalterno é ainda presente nos dias atuais.

### **O empoderamento e a libertação do cabelo negro**

Privados dos seus direitos civis mais básicos, a população negra americana na década de 60 vivia reclusa, como minoria étnica pobre, ainda que seus ancestrais fossem responsáveis pelo crescimento econômico da nação ao serem escravizados nos campos de algodão e de fumo do sul, assim como sua participação importante nas campanhas militares da primeira guerra mundial, os negros do país continuavam sendo, por vezes desprezados, ignorados



(VAUGHAN, 2020), estereotipados e zombados pelo restante da sociedade.

Diante de tal situação, alguns movimentos populares foram surgindo e deixando profundas marcas na história dos Estados Unidos. Dentre eles, podemos citar o movimento *Black Power*. Uma forma de mostrar orgulho de suas raízes, expressa tanto nas roupas, quanto nas músicas, nos poemas e, também, nos cabelos crescia por toda nação como resistência aos padrões eurocêntricos, gerando também resistência política.

Sob o slogan “*Black is beautiful*”, o movimento que mostrava a beleza do povo negro se tornou forte aliado na luta pelos seus direitos, contando com nomes como: Pantera Negra, Ângela Davis, Malcom X e Martin Luther King. Com isso, surgiu a transição capilar, processo de retirada da química de alisamento dos fios que por sua vez retornam ao seu estado natural. Outro método também utilizado é o *Big Chop*, que consiste no corte do cabelo químico, deixando apenas os fios naturais.

Conforme o artigo Valorização do cabelo afrodescendente: características estruturais, técnicas e cuidados com cabelo natural (SOUZA, 2020; DURÃES, 2020; COSTA, 2020), vimos a crescente valorização dos cabelos crespos, principalmente na internet, ensinando técnicas e cuidados específicos para os fios. Com o aumento dos afrodescendentes aceitando sua beleza natural, o mercado de produtos capilares foi de certo modo obrigado a se modificar e expandir os ideais, desenvolvendo produtos e campanhas que acompanhassem os novos tempos.

Em seu livro “O mito da beleza” (1992), a escritora e jornalista estadunidense Naomi Wolf expõe a forma como a beleza acaba sendo utilizada como arma de controle feminino. A autora declara que a qualidade chamada “beleza” é imposta de forma objetiva e universal, onde é ensinado que as mulheres devem querer encará-la, enquanto os homens devem querer possuir as mulheres que a encarnam (WOLF, 1992). Seguidamente Wolf prossegue dizendo que como qualquer sistema ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças para manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram.

Desse modo, quando mulheres decidem retornar com seus cabelos para forma natural, estão automaticamente se impondo ao costumeiro padrão ditado por homens e, conseqüentemente, se “rebelando” de forma política ao permanecerem com os cabelos na sua forma original, não submetendo aos processos de alisamento, que por vezes agride não apenas ao cabelo, como também a pessoa por conta dos produtos químicos utilizados, como o formol, proibido no Brasil em 2009 (Resolução nº 36, de 17 de junho de 2009) pois coloca em risco a saúde de seus usuários acarretando em doenças crônicas e problemas respiratórios.



### **A representatividade no brincar de boneca**

O cabelo revela uma imagem de personalidade profunda (CRUZ, 2021; GOMES, 2021; SANTOS, 2021), servindo também para delimitar o feio e o belo (SOUZA, 2009), sendo de extrema importância o modo como é representado ao se tratar da mulher negra, principalmente na comercialização de produtos que envolvem as crianças, como no caso das bonecas pretas.

A pesquisadora Maiah Lunas M. M de Oliveira, em seu artigo “Devolva minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?” argumenta que como uma das principais formas de expressão usada pelas crianças, a boneca exerce no faz de conta certos reflexos vividos pelos pequenos, o que acaba por tornar a boneca negra um mundo de possibilidades para as crianças negras, criando uma identidade positiva, visto que a criança acaba por enxergar beleza naquilo que lhe assemelha.

A partir do momento que a criança projeta sua vivência na brincadeira e nos brinquedos, acabam passando sua construção de imagem para boneca, o que pode ser conflituoso quando a imagem da boneca é diferente da imagem que a criança enxerga ao se olhar no espelho (OLIVEIRA, 2018). Um grande exemplo de padronização de beleza voltado para as idealizações brancas, vem da boneca mais famosa do mundo. A Barbie, fabricada pela Mattel desde 1959, seguia uma linha de produção única, que ajudava a divulgar o padrão europeu de beleza da época, uma boneca de pele clara, corpo magro, cabelo loiro e liso. Entretanto, nos últimos tempos a empresa responsável pela boneca reformulou

sua antiga fórmula padrão, fornecendo para as crianças um leque de representação racial e étnica, produzindo linhas de bonecas cujo objetivo é representar a diversidade das pessoas.

De acordo com Oliveira (2018) outras marcas como “Era Uma Vez o Mundo” também se empenham em desenvolver bonecas negras, tornando possível achar bonecas negras de todos os tons de pele e tipos de cabelo, o que serve para educar crianças de todas as idades, condições econômicas e principalmente de todos os gêneros e raças ao apresentar uma gama maior de diversidade, mostrando para criança que o mundo é diverso e existe pessoas diferentes em todos os lugares.

### **O curta-metragem *Hair Love* (2019)**

O curta-metragem *Hair Love* (2019), escrito e dirigido por Matthew A. Cherry em coautoria com Everett Downing Jr. e Bruce W. Smith e produzido pela *Sony Pictures Animation* é uma animação estadunidense que trata das relações emocionais de um pai com sua filha, que enfrenta a dificuldade de pentear e moldar seu cabelo afro de acordo com sua vontade. Para conseguir tal ato, a menina segue um tutorial do Youtube gravado por sua mãe, entretanto, quando as dificuldades são intensificadas, ela solicita ajuda direta de seu pai. O sucesso do curta o levou a se tornar o ganhador do 92º Oscar na categoria de Melhor Curta-Metragem de Animação, como também uma adaptação da história para o formato de *e-book*.

Dentre os temas apresentados no curta, um dos principais é a positividade corporal de uma família afro-americana, a infância negra,



nosso relacionamento com nosso cabelo, família, perda e resiliência. *Hair love* (2019) mostra a relação carinhosa de um pai com sua filha, sendo forçado a se retirar de sua zona de conforto e realizar uma tarefa sempre exercida pela mãe – cuidar dos cabelos de sua filha. É notório que os exemplos de aceitação vindos da mãe da criança a inspiram, refletindo na menina autoconfiança para também possa se sentir orgulhosa de seus traços.

Os vídeos da mãe de Zuri são exemplos de como funcionam os canais no Youtube voltados para ajudar outras mulheres que compartilham o mesmo biotipo capilar a como hidratar, tratar, realizar a transição, manter e moldar os cabelos, o que cria um elo e visibilidade maior ao assunto, possibilitando que essas pessoas se unam em comunidades para compartilhar seus conhecimentos e consequentemente entendam mais sobre seus cabelos e os aceitem sem serem reprimidos, e mesmo para os espectadores que não negros, o curta se mostra como um história sincera de amor, sair da zona de conforto (GOONDE, 2020), resiliência e aceitação.

### **As técnicas da narrativa cinematográfica: enquadramentos**

A história do cinema envolve pesquisa, descoberta e imersão de diversas artes e estilos, bem como o entretenimento popular, instrumentos óticos e imagens fotográficas, o que impossibilita que exista um único descobridor do cinema e nem um único lugar. Embora tenha se originado no final do século XIX com a divulgação das pesquisas a respeito da busca da projeção de imagens em movimento realizada por vários estudiosos: o

aprimoramento nas técnicas fotográficas, e a utilização de técnicas de maior definição na produção dos aparatos de projeção (MASCARELLO, 2006), que possibilitou o início de uma evolução.

Com os anos, o conhecimento que se tinha das técnicas cinematográficas se expandiu, se dividindo em categorias que também envolvem imagem e som. A locução, a trilha sonora e efeitos sonoros compõem a parte do som, enquanto a imagem constrói sua comunicação pelo conteúdo da imagem e pela forma com que captamos os conteúdos (PISANI, 2013). Em pouco tempo a câmera passou a ser capaz de obter imagens em movimento dentro de veículos, trens e barcos, a criação de movimentos como o *travelling*, assim como outros movimentos que permitiam a aproximação e afastamento das cenas, possibilitando que a câmera interagisse com as cenas, explorando antes impossível na fotografia estática (PISANI, 2013). A seguir temos o conceito simples de algumas das técnicas cinematográficas existentes e tipos de iluminação: 1) *Wide shot*; 2) *Over the shower*; 3) *Medium shot*; 4) *Zoom-in*; 5) *close-up*; 6) *Low angle shot*.

#### **1. Wide Shot**

O *Wide shot* consiste na criação de um quadro onde um ou mais personagens estão completamente dentro de cena. Costuma ser usado para construção de cenas cinematográfica que passam ao público um contexto, escala, espaço ou distância entre personagens ou assuntos, permitindo uma visão completa de outras características essenciais do filme, não se limitando apenas aos personagens.



## **2. *Over the Shower***

Plano composto por dois atores, sendo que um deles servirá de referência, no geral fora de foco e próximo da câmera. Em outras palavras a imagem passa através dos ombros de um dos participantes da cena (FONSECA, 2017). Nesse plano, o público vê a cena pela perspectiva do ator, como se estivesse ao seu lado.

## **3. *Medium Shot***

O *Medium shot* é usado para cenas de diálogo, como também para retratar mais o cenário e a linguagem corporal dos atores. As tomadas médias permitem que os atores e seus arredores tenham um espaço semelhante em tela, e como nenhum deles domina, as cenas médias permitem que o público mantenha a concentração por igual nos personagens e na sua localização.

## **4. *Zoom-in***

Consiste na aproximação da imagem através do jogo de lentes, tendo a capacidade de ir de um plano mais aberto para um mais fechado, o movimento em questão consegue direcionar o foco do espectador para uma característica específica da cena.

## **5. *Close-up***

Um *Close-up* tradicional inclui a cabeça e os ombros do ator, podendo ser mais próximo ou filmado apenas os olhos e lábios. Esse tipo de plano é desenvolvido para que quando mais nos aproximamos do personagem, haja um aumento na sensação de empatia por ele.

## **6. *O Low angle shot***

Gravado do nível abaixo do olho, utilizado para passar a sensação de superioridade e poder do objeto. O ângulo pode ser realizado quando se posiciona a câmera em qualquer lugar abaixo da linha do olho, apontando para cima. Com esse ângulo é possível transmitir energia, podendo ser positiva ou negativa, dependendo do tema.

## **Positividade corporal: O cabelo negro no curta *Hair Love* (2019)**

O curta-metragem estadunidense *Hair Love* (2019) é uma reflexiva película cinematográfica com a qual muitas mulheres, não apenas afro-americanas, podem facilmente se identificar. Desta forma, a sua narrativa se torna universal por abordar questões identitárias que perpassam diferentes experiências humanas, mas principalmente aquelas que ainda sofrem com as mazelas da escravidão. No caso específico de *Hair Love* (2019), os espectadores podem assistir as dificuldades enfrentadas por uma garota negra, Zuri, ao tentar se arrumar para a escola. Ela enfrenta tais dificuldades principalmente por estar inserida em uma sociedade que recrimina ou, até mesmo, criminaliza os seus cabelos afros naturais. No topo disso, Zuri ainda tem que encarar as dificuldades de seu pai em lidar com os seus cabelos e a ausência constante de uma mãe que luta contra um câncer, possivelmente, contra um tipo de leucemia.

A trama de *Hair Love* (2019) gira em torno de um pai afro-americano tentando fazer o cabelo da sua filha pela primeira vez. A personagem principal, Zuri, acorda animada, pois se tratava de um dia especial para criança,



que tenta fazer com que seu pai escute seu pedido e faça seu cabelo para o evento em questão, entretanto, seu pai reluta em atender o desejo da filha, que felizmente consegue demonstrar para o pai o significado do penteado e chegar a tempo para buscar sua mãe no hospital.

O escritor e diretor desse curta-metragem, Matthew A. Cherry, em coautoria com Everett Downing Jr. e Bruce W. Smith, traz na animação de quase 7 minutos de duração

uma história tocante, que proporciona ao espectador não apenas emoção, como também permite que diversos temas, como a positividade corporal, sejam evidenciados na animação. No início desse curta, Cherry (2019), os espectadores são apresentados a um pai tentando arrumar o cabelo de sua filha para ela ir provavelmente à escola. Depois desta apresentação, a câmera os leva a uma parede repleta de desenhos com diferentes tipos de estilo de cabelos negro.



**Figura 1**

A parede do quarto de Zuri  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

A primeira figura é também uma das primeiras cenas do curta e mostra a parede do quarto de Zuri, decorada com um calendário e diversos desenhos feitos pela menina. Ao observar com atenção, é possível notar que todos os desenhos feitos por Zuri buscam retratar mulheres negras, todas com diferentes penteados. O recurso utilizado

para montar o enquadramento é o *Wide Shot*, que permite que o espectador entenda o contexto da cena e veja como a personagem principal, desde pequena vem sendo inserida em um ambiente onde há uma positividade corporal relacionada ao cabelo. Com o ideal de beleza física moldado pelos padrões brancos e influenciado principalmente pelos



modelos propostos pelas produções de Hollywood (VAUGHAN, 2000), observar o quarto de Zuri repleto de influência negra, torna notório o quanto a menina é consciente em relação ao seu cabelo e suas raízes, e ao longo do curta demonstra insistência em mostrar inicialmente ao pai e ao mundo aquilo que ela é, se expressando, assim como sua mãe, através de seus cabelos.

Os diferentes desenhos de mulheres negras e seus possíveis penteados afros são adereços narrativos fundamentais para a espacialização da cena contida na figura 1. Ao pluralizar os estilos de cabelos negros, o diretor consegue promover um processo de celebração e inclusão da positividade corporal negra frente aos seus espectadores. O cabelo liso está presente, assim como o cabelo áspero, crespo, enrolado, inflexível. É

possível notar também como as mulheres negras ilustradas por Zuri possuem diferentes representações que partem de uma heroína, como nas histórias em quadrinhos e cantora. Essa representação de modelos fora dos padrões da branquitude realizada pela garota, transmite para o público a importância que a representação possui, permitindo que outras crianças negras também consigam se enxergar na sociedade, sem necessidade de mudanças na aparência, como o alisamento do cabelo, usado por outras mulheres negras como forma de se encaixar em determinado padrão. O processo de celebração e inclusão da positividade corporal negra se procede ainda mais na próxima cena, ilustrada na figura 2 abaixo:

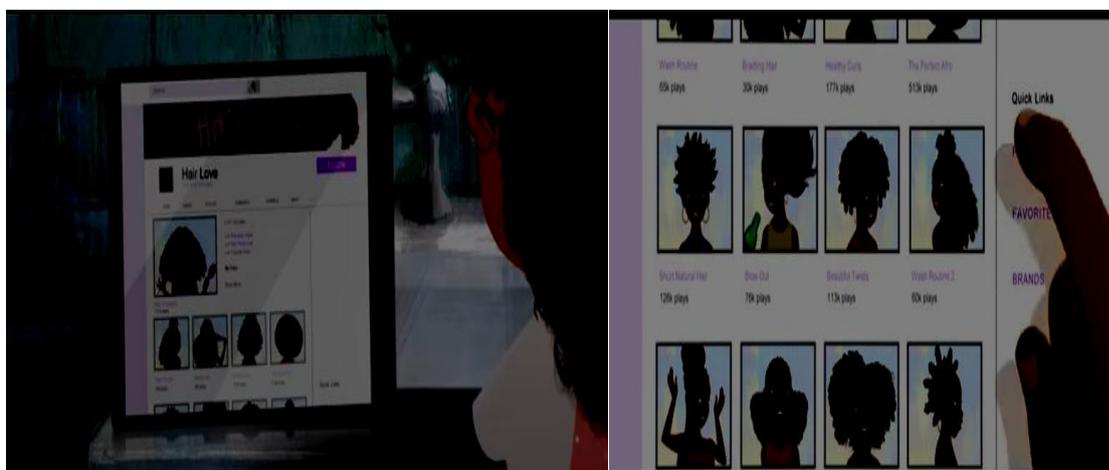


Figura 2

O blogue da mãe de Zuri  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

Durante a maior parte da trama de *Hair Love* (2019), a protagonista Zuri tenta constantemente se arrumar para ir à escola. Arrumar e estilizar o seu cabelo é um dos seus

principais procedimentos. Na figura 2, os diretores Cherry e Smith mostram o blogue da mãe de Zuri. Através dele, seus espectadores têm a oportunidade de verificar



o nome da página, que também dá nome ao curta, bem como a extensa lista de tutoriais de penteados já gravados pela mãe da protagonista. Na composição da figura, o *Over the shoulder*, movimento que permite que a imagem seja passada através do ombro da personagem, faz com que os espectadores tenham a mesma visão que a menina possui da tela do *tablet*, assim como a escolha do penteado desejado. A técnica utilizada auxilia na exposição do blogue *Hair Love*, revelando o empenho da mãe de Zuri em desenvolver diversos penteados voltados para o cabelo afro. Por meio dessa cena, os diretores conseguem quebrar uma das principais atitudes relacionadas à colonização europeia e promovem a acessibilidade ao grupo negro estadunidense. Grupo esse tão oprimido por décadas de restritivo acesso à higiene pessoal e a saúde humana.

Como as mulheres negras compõem um dos grupos que tem sua estética estigmatizada, tendo os cabelos recorrentemente associados a termos depreciativos, como “cabelo duro”, “cabelo ruim” e “cabelo de bombril” (FREITAS, 2018). As figuras 01 e 02 acima mostram como a mãe de Zuri quebra esses estigmas ao expor seu cabelo afro com orgulho, servindo de exemplo e inspiração tanto para sua filha, quanto para outras pessoas com cabelos crespos, já que em seu próprio blogue, ela acaba por explorar uma pletora de possibilidades de penteados com cabelos afro e transmitir essas dicas de forma acessível e gratuita na internet.

O cabelo negro acaba por intensamente revelar uma pletora de imagens relacionadas às personalidades consideradas subjetivas e profundas (CRUZ, 2021; GOMES, 2021; SANTOS, 2021). De certa forma, a visibilidade desse tipo específico de cabelo acarreta várias lutas históricas por autodefinição e direto à existência (SOUZA, 2009). Tal representação bem pensada pode ser encontrada em diferentes partes da narrativa cinematográfica como, por exemplo, nos adereços utilizados para a configuração espacial da trama. Entretanto, os adereços parecem ter um potencial maior de combate ao racismo estrutural. Quando uma criança negra brinca com utensílios específicos para o seu cabelo, ela tem chances de projetar positivamente tanto sobre esses utensílios quanto sobre a sua autopercepção como sujeito negro dentro de um mundo que lhe pode acolher.

Por conseguinte, os novos diretores de cinema vêm tomando cada vez mais cuidado ao representar esses cabelos. Segundo Robinson (2006), a pluralidade dos penteados é um indicativo de avanço igualitário e de combate direto ao preconceito racial. A mãe de Zuri consegue fomentar a igualdade entre as raças ao apresentar nas paredes de sua casa uma diversidade gigantesca de penteados que podem ser utilizados por mulheres negras. Consequentemente, ela também consegue inspirar a sua filha, Zuri, a utilizar um ou mais penteados, repudiando o preconceito racial e subvertendo os pilares do racismo estrutural. Isso tudo pode ser atinado nas figuras 03 e 04, respectivamente.



Figura 03 e 04

A mesa com produtos de beleza e a touca vermelha  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

Entretanto, os diretores Cherry e Smith não apenas pluralizaram as paredes de Zuri com ilustrações de penteados afrodescendentes. Eles também colocaram adereções relacionados diretamente à adequada arrumação e cuidado dos cabelos mais crespos, emaranhados e lanosos. Na figura 03 acima, os espectadores podem se familiarizar com uma mesa repleta de produtos voltados, em sua maioria, para o embelezamento dos cabelos negros. De acordo com Brandini (2009), o corpo humano vem sendo fabricado socioculturalmente por séculos. Embasada nessa lógica, se o corpo humano é fabricado, ele pode ser “refabricado”. Quando a mãe da Zuri lhe possibilita a chance de arrumar e cuidar de seus cabelos para que eles possam atingir as suas próprias belezas naturais, ela está também incentivando a sua filha a ter uma relação mais positiva com o seu corpo. Como resultado, Zuri pode desenvolver mais

confiança para se impor na vida e mais destreza para lidar com as diferentes, mas terríveis, atitudes racistas que circundam a mulher negra nos Estados Unidos da América.

Em consonância, na figura 04, a garota Zuri é vista com uma expressão triste, com os cabelos bagunçados, usando uma touca vermelha posta em sua cabeça por seu pai. O *Zoom-in*, técnica usada na figura esquerda, busca focar na mesa repleta de materiais e produtos capilares, que por influência das mulheres negras que buscavam retornar com seus cabelos naturais, alteraram a indústria capilar, pois os produtos que existiam no mercado eram voltados para tratamentos químicos de alisamento, como produtos pós-químicas e produtos para reduzir o volume. Através da influência dessas mulheres, as empresas notaram que precisavam produzir uma nova demanda de produtos que tratassem melhor os cachos (SANTOS,



2015), dando volume ao invés de tirá-lo, e isso torna possível ver no primeiro enquadramento uma mesa repleta de produtos e utensílios voltados para os cabelos crespos.

Ainda figura 04 à direita, a utilização do *Medium shot* permite que o espectador entenda como a personagem está se sentindo ao se ver submetida a usar a touca vermelha. Diante de uma mesa lotada com produtos, pentes e outros adornos para os cabelos, o pai optou pelo meio que considerou mais simples, a touca vermelha. A touca vermelha posta na cabeça da menina é a forma que o pai encontra para esconder e domar os cabelos da filha ao invés de tentar novamente o penteado, porém serve também para

representar uma opressão, pois ao optar por ocultar os cabelos da menina, busca de modo inconsciente esconder uma parte da identidade de Zuri. Isso ocorre, pois, as ações do pai são guiadas pelo desespero de se ver diante de uma situação inesperada para qual não possui preparo, nem conhecimentos adequados, o que leva a subentender que era a mãe quem costumava ser responsável por cuidar dos cabelos da menina. Segundo Robinson (2006), as mazelas originadas dos preconceitos raciais atingem indubitavelmente não somente as pessoas brancas, mas também as pessoas negras que não tiveram o acesso apropriado nem direito constitucional de cultivarem tanto a higiene quanto a saúde pessoal.



**Figura 5 e 6**

A luta imaginária do pai  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

O pai da Zuri apresenta claramente dificuldades para lidar com a arrumação e o tratamento do cabelo negro de sua própria filha. A figura 06 tem por objetivo demonstrar a reação e o modo como o pai se sentiu

lidando pela provavelmente primeira vez como o cabelo da sua filha. É destacante a sua expressão de preocupação com o pente roxo na mão, olhando de cima o cabelo de Zuri, incerto de como deveria prosseguir, enquanto



na figura seguinte se imagina perdendo em um ringue de luta, onde seu desafiante é o cabelo crespo da menina. O *Low angle shot* usado no primeiro enquadramento posiciona o pai de Zuri diante dos cabelos da menina de modo que dá a entender que ele se vê diante de um desafio que o preocupa, o que é evidenciado através da expressão do seu rosto e o modo como está posicionado em cena, segurando o pente como uma espécie de arma de ataque/defesa, enquanto na segunda figura retrata a forma como o homem se sente, travando uma espécie de “luta” com os cabelos crespos da filha. A iluminação escolhida para o segundo ato auxilia na composição de uma cena mais dramática e perigosa que se passa na cabeça do pai da criança, deixando a cena propositalmente mais escura nos cantos.

Nitidamente, o pai de Zuri, manifesta uma espécie de pavor diante do cabelo da filha, não por não gostar do cabelo da menina ou por não apoiar a escolha da filha, mas sim por não saber lidar com os mesmos, pois muito embora o ato de trançar os cabelos seja antigo e carregue consigo muito mais do que a beleza das tranças, como também a história de luta e cultura de um povo, sendo um costume passado de geração em geração, não significa que todas as pessoas negras terão domínio ou ciência de como proceder perante a situação. Ainda assim, com Zuri se mantém firme em conseguir a ajuda do pai com o penteado.

De acordo com Wolf (1992), o cuidado com a beleza por séculos foi atrelado à responsabilidade da mulher. Isso inclusive se

verificou extensivamente entre as mais diferentes tribos existentes na África. No caso específico do pai de Zuri, ele pode exibir dificuldades para lidar com os cabelos negros de sua filha por não ter tido a aprendizagem adequada para o fazer, sendo então fruto do racismo estrutural, mas também por ser homem. Por um lado, a sua falta de destreza frente aos cabelos negros de Zuri pode também ser justificado pelo patriarcalismo presente em uma pletera de comunidades, até mesmo nas de descendência africanas.

Embora em sociedades modernas os papéis de gênero vêm sendo repensados, há ainda uma quantidade substancial de homens cisgêneros que se recusam a atuar nas tarefas “percebidas” erroneamente como unicamente femininas. É comum encontrar homens que desprezam claramente atividades como, por exemplo, os trabalhos caseiros e/os cuidados relacionados à prole. Não obstante, gerações de diretores mais contemporâneos vêm reanalisando tais papéis estereotipados e, muitas vezes, discriminatórios. Como resultado, eles estão propondo um novo olhar frente ao objeto a ser representado nas telas de cinemas. Este parece ser o caso dos diretores de *Hair Love* (2019). Tanto Cherry quanto Smith trazem cenas que subvertem esses estereótipos e defendem a existência, mais a permanência de diferentes tipos de corpos, inclusive dos corpos negros. Seus espectadores podem facilmente verificar tais subversões nas cenas atreladas às tentativas incansáveis do pai de Zuri de arrumar e embelezar os seus cabelos naturalmente afrodescendentes.



**Figura 7 e 8**

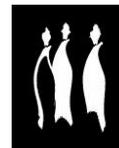
O apoio do pai para com sua filha  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

Por outro lado, os diretores Cherry e Smith parecem ter feito questão de também subverter o estereótipo relacionado ao gênero. O pai de Zuri não aparenta ser machista. Na verdade, ele se apresenta como um pai mais moderno, até mesmo metrosssexual. Na figura 07, os espectadores podem verificar o admirável empenho e o impressionante foco do pai de Zuri para realizar o desejo da filha, ou seja, o desejo por um penteado negro belo e estiloso. Nessa mesma esteira, a figura 08 expõe e revela ainda mais o processo intenso pelo penteado bonito, além de acabar por antecipar um pouco o possível resultado a ser atingido ao final desse curta-metragem. Desta forma, os diretores utilizam a técnica de *close-up*, na figura 08, para que os seus espectadores possam analisar mais profundamente os gestos contidos no rosto do pai de Zuri.

Tal análise mais profunda se faz indispensável, na medida em que os espectadores têm o direito em investigar as

feições artísticas desse personagem com o intuito de refletir sobre a incrível concentração e impressionante esforço que são necessários para que um homem possa quebrar as barreiras do patriarcado e, por fim, realizar o desejo de sua filha. Ademais, os diretores Cherry e Smith entregam ao seu público algumas partes do procedimento de embelezamento capilar negro. Por conseguinte, eles podem perceber que embora essa tarefa seja bem difícil, com o apropriado treino e a incessante vontade, qualquer adulto pode executá-la.

A criação das figuras acima, desde o empenho e envolvimento do pai, como também o desejo de Zuri de se expressar através de seus cabelos dão a temática central do curta: A busca pela autoaceitação que acarreta o bem-estar próprio. É justamente a positividade corporal que Zuri adquiriu ao observar o exemplo da mãe que a faz se aceitar e ser como ela é. Segundo o Núcleo Ciência pela Infância, para se desenvolverem



plenamente, as crianças devem ter não apenas suas necessidades básicas supridas, como alimentação, higiene e proteção física, mas também suas necessidades de conforto e segurança emocional atendidas, ou seja, ao entender a importância que a realização do penteado carregava, o pai aceita a tarefa, aplica o passo a passo, consciente de que aquele desejo da filha não se tratava apenas de um mero capricho, mas sim de uma de suas necessidades.

As ilustrações em defesa da positividade corporal, principalmente negra, não estão

restritas somente às paredes do quarto de dormir da protagonista, Zuri. Na verdade, a sua mãe, mesmo enfrentando uma doença grave como é o caso do câncer, parece ter motivado a sua filha a desenhar vários tipos de penteados afrodescendentes. De acordo com Robinson (2006), não basta a pessoa combater o racismo estrutural, mas ela deve também adquirir atitudes consideradas antirracistas. Este parece ser o caso das figuras abaixo:



Figura 9 e 10

O desenho de Zuri e a aceitação por parte da mãe  
Fonte: Sony Pictures Animation, 2019.

As figuras 09 e 10 acima se referem diretamente à chegada de Zuri com seu pai no hospital onde sua mãe se encontra internada. A menina acaba entregando um dos desenhos que estava pregado na parede de seu quarto nas mãos da sua mãe, que se emociona ao se ver retratada por sua filha. O desenho mostra a mãe sem os cabelos e com uma coroa na cabeça, enquanto a figura seguinte ocorre quando a mãe de Zuri decide tirar da cabeça

o lenço que usava para ocultar sua perda capilar. A figura da esquerda usa do *Zoom-in* para mostrar como Zuri enxerga sua mãe diante da doença que ela enfrenta, enquanto a segunda figura usa do *close-up* para dar foco no gesto da mãe e da filha, mostrando melhor as emoções apresentadas e como o desenho feito pela menina deu forças para que a mãe aceitasse seu novo estado.



O cabelo de uma mulher, em suma de uma mulher negra é por muitas vezes uma parte importante de sua identidade e autoexpressão, podendo ser estilizada de muitas maneiras – trancinhas, nós bantu, torções, *puffs*, costuras, afros e tranças. Porém, para a mãe de Zuri, os penteados eram também uma forma de se conectar com outras pessoas e educá-las por meio de seus vídeos. Uma parte de sua linguagem de amor e conexão com sua filha era o tempo que ela passou penteando o cabelo da menina, o que ela não pode mais fazer por causa de sua doença. Perder o cabelo significa perder uma parte de sua identidade. Entretanto, o desenho levado por Zuri agiu como um lembrete de que ela não havia deixado de ser uma mulher incrível e linda aos olhos de sua filha (GOODEN, 2022), o que mexeu com seu emocional.

### **Considerações finais**

A imagem corporal de uma pessoa é construída em torno de ideias ou expectativas apresentadas pela sociedade (ROCHA, 2021), quando não temos a aparência física questionada ou contrariada, se faz necessária a sensibilidade humana de se colocar no lugar das pessoas que veem, escutam e aprendem a acreditar que seus corpos, assim como sua presença física é inadequada. É preciso trabalhar a estima de si mesmo buscando por sua essência e verdade (KING, 2015, p. 6). Desse modo, o curta desenvolve de forma bem elaborada a positividade corporal, sendo a insistência da criança em usar um dos penteados feitos por sua mãe o modo direto e claro de mostrar sua aceitação própria,

como também o orgulho de carregar consigo suas raízes.

A mãe de Zuri, uma mulher que também passa confiança se tratando de seus cabelos, prova que mesmo ao perdê-los em decorrência da doença, ainda carrega dentro de si forças para amar, ao deixar de usar seu lenço e expor de vez sua cabeça raspada. São os exemplos dados por pessoas como a mãe de Zuri que ajudam a romper com o padrão preestabelecido pela sociedade ao se posicionarem à frente das causas, sendo retratos da existência de outras formas de corpos, cabelos e ideais considerados “inadequados” perante a sociedade, e muito embora uma doença costuma ser sempre uma questão delicada que torna pensar no cabelo em um momento difícil algo considerado trivial e bobo, sendo o último problema “real” da lista, *Hair Love* (2019) lembra que mesmo algo aparentemente frívolo, como cuidar do cabelo (BINCI, 2020), pode ser um gesto de amor.

Em relação à linguagem cinematográfica, é possível notar o modo como sua composição contribui não apenas para o entretenimento e enriquecimento do conhecimento do cinema, como também auxilia na divulgação do empoderamento do cabelo afro ao propor uma narrativa do ponto de vista de uma criança ainda em formação do conhecimento de suas origens, sendo capaz de se aceitar e se impor mesmo diante das recusas do seu pai em relação aos seus cachos. As cenas do curta se mantêm bem estruturadas do começo ao fim, utilizando dos recursos certos, ora para chamar a atenção do espectador para determinado objeto ou assunto, ora para dar ao público



uma visão mais ampla da cena, possibilitando a situação dos personagens no ambiente, e ora para gerar emoção.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BÍBLIA**, N. T. 1º Coríntios. Sagrada Bíblia e Harpa cristã. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. p. 140.

BINCI, Giovanna. “Hair Love” is a powerful short film about family and illness, 2020.

Disponível em <<https://aleteia.org/2020/02/10/hair-love-is-a-powerful-short-film-about-family-and-illness/>> Acesso em: 21/05/2022.

BRANDINI, Valéria. “Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: O corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe”, 2009.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3508/2563>>

Acesso em: 21/02/2022.

CASTELLO, Camila Cristina Saraiva. “Feminilidade, Imagem Corporal e Mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres”, 2020.

Disponível em:

<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14709/1/Artigo%20-%20Camila%20Castello.pdf>> Acesso em: 14/03/2022.

**CLAUDIA**. Conheça a campanha que promove a diversificação dos padrões de beleza, 2016.

Disponível em <<https://claudia.abril.com.br/noticias/conheca-a-campanha-que-promove-a-diversificacao-dos-padroes-de-beleza/>> Acesso em: 19/03/2022.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa; GOMES, Larisse Louise Pontes; SANTOS, Luane Bento do. Não é só pelo cabelo: Cabelo crespo e mulheres negras em buscado amor interior.

Disponível em:

<<http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/226/255>>

Acesso em: 30/04/2022.

FONSECA, Gustavo. “O conceito de planos correspondentes”, 2017.

Disponível em:

<[https://cinematografico.com.br/2017/05/o-conceito-de-planos correspondentes/#:~:text=Os%20planos%20correspondentes%20padr%C3%A3o%20trabalha m, caracter%C3%ADsticas%2C%20como%20profundidade%20de%20](https://cinematografico.com.br/2017/05/o-conceito-de-planos-correspondentes/#:~:text=Os%20planos%20correspondentes%20padr%C3%A3o%20trabalha m, caracter%C3%ADsticas%2C%20como%20profundidade%20de%20)> Acesso em: 10/06/2022.



FREITAS, Geisiane Cristina de Souza. “Cabelo crespo e mulher negra: relação entre cabelo e a construção da identidade negra”, 2018.

Disponível em: <file:///home/anita/Downloads/238062-132113-1-PB.pdf> Acesso em: 26/02/2022.

GOODEN, Tai. “Hair Love tells a heartfelt short story about black hair”, 2020.

Disponível em<<https://nerdist.com/article/hair-love-black-hair/>> Acesso em:19/05/2022.

KING, Ananda Melo. “Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças”. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/#axzz3ZBeYdmWu>>. Acesso em: 28/04/2022.

MASCARELLO, Fernando. “História do cinema mundial”, 2006. Disponível em<<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/linguagem-visual-2/textos/historia-do-cinema-mundial.pdf>> Acesso em: 24/02/2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0036\\_17\\_06\\_2009.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20proibida%20a,loja%20de%20c](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0036_17_06_2009.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20proibida%20a,loja%20de%20c)>. Acesso em: 04/06/2022.

NECHAR, Patrícia Assuf. **O corpo gordo**: Uma cartografia do imaginário social, 2020. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23221/2/Patricia%20Assuf%20Nuchar.pdf>> Acesso em: 30/04/2022.

OLIVEIRA, Maiah Lunas Maciel Marques de. Devolva minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?, 2018. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9327/TCC%20MAIAH%202018.1FINAL.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21/05/2022.

PISANI, Marília Mello. “A linguagem cinematográfica de planos e movimentos”. Disponível em<<http://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/A-Linguagem-cinematografica-de-planos-e-movimentos-.pdf>> Acesso em: 29/03/2022.

POZZEBOM, Rafaela. “O que é Kickstarter”, 2015. Disponível em<<https://www.oficinadanet.com.br/post/14522-o-que-e-kickstarter>> Acesso em: 27/05/2022.

Primeiro Filme, O livro. <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>> Acesso em: 10/06/2022.



ROBINSON, Biran. “Discovering self: Relationships between African identity and academic achievement”, in **Journal of Black Studies**, 2006.

ROCHA, Claudia Burlamaqui Lima da. “Body positive & Instagram: Performances online do corpo feminino”, 2021. Disponível em < <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/137772/2/515220.pdf> > Acesso em: 26/03/2022.

SANTOS, Nádía Regina Braga. “Do Black Power ao cabelo crespo: A construção da identidade negra através do cabelo”, 2015.

Disponível em: <[http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo\\_nadia.pdf](http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf)> Acesso em: 20/12/2021.

SOUZA, Alana Xavier da Silva. DURÃES, Laysa Mayara Morais. COSTA, Murilo Marques. “A valorização do cabelo afrodescendente: características estruturais, técnicas e cuidados com cabelo natural”. Acesso em: 30/04/2022.

SOUZA, Fernanda Morais de. “Revirando malas: entre histórias de bonecas e crianças”, 2009. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24817/000749267.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21/05/2022.

SONY PICTURES ANIMATION. Hair Love (2019). Youtube, 05/12/2019 publicação do vídeo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V\\_Fkw28](https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28)>. Acesso em: 28/10/2021.

STUDIOBINDER. “The Ultimate Guide to Camera Shot (50+ Types of Shots and Angles in Film)”, 2020. Disponível em <<https://www.studiobinder.com/blog/ultimate-guide-to-camera-shots/>> Acesso em: 10/06/2022.

WEBB, Looby. “African American men’s perceptions of body figure attractiveness: An acculturation study”, in: **Journal of Black Studies**, 2004.

WOLF, Naomi. “O mito da beleza: como as imagens de beleza são usados contra as mulheres”, 1992. ROCCO, RJ. Disponível em <[https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza\\_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf](https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf)> Acesso em: 12/03/2022.



---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Mato Grosso do sul (UFMS). Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Coordenador do Laboratório de Letramento Acadêmico e Criativo (LALAEC) da UFMS. E-mail: carlos.placido@ufms.br